

As astúcias d'As astúcias da enunciação / *The Astuteness of As Astúcias da enunciação [The Astuteness of Enunciation]*

*Oriana de Nadai Fulaneti**

RESUMO

Este artigo tem por objetivo discutir questões ligadas à enunciação, dimensão de fundamental importância na concepção e estudo da linguagem, focalizando, de forma especial, a maneira como, no Brasil, essa questão é tratada pelo linguista José Luiz Fiorin em sua obra *As astúcias da enunciação*. Um dos aspectos a ser observado é, precisamente, a construção enunciativa da obra, cuja importância pode ser percebida nos estudos discursivos brasileiros em geral, mas sobretudo nas pesquisas relacionadas à semiótica francesa.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação; Astúcias da enunciação; Semiótica

ABSTRACT

*This article discusses issues related to enunciation, a dimension of fundamental importance to the conception and study of language. More specifically, it focuses on the way this issue is handled by the Brazilian linguist José Luiz Fiorin in his work *As astúcias da enunciação [The Astuteness of Enunciation]*. The construction of enunciation in his work will gain special attention because of its importance to Brazilian discourse studies, in general, and to studies in French semiotics, in particular.*

KEYWORDS: *Enunciation; Astúcias da enunciação; Semiotics*

* Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, Paraíba, Brasil; od.fulaneti@uol.com.br

Introdução

Um dos caminhos para a discussão da enunciação como condição de linguagem, dentre tantos existentes, é tomar como guia de reflexão o título aqui proposto: *As astúcias da enunciação*, obra de José Luiz Fiorin¹. Diante dele, coloquei-me uma primeira questão de pesquisa: onde estão essas astúcias, considerando a maneira como a enunciação é produzida no dia-a-dia dos discursos e, ao mesmo tempo e de maneira metalinguística, numa importante obra que trata dessa dimensão da linguagem? Rápida e prontamente surgiu uma resposta possível: sem dúvida, na forma como a obra é enunciada, ou seja, em sua enunciação, em sua trama enunciativa. Essa resposta, especialmente para os estudiosos dos fenômenos enunciativos, de certa forma pode parecer óbvia, embora não seja. Em seguida, assumindo a postura e o hábito de semioticista que sou, outra pergunta de pesquisa se apresentou: Como a enunciação pode implicar astúcias e, se de fato é assim, onde se localizam essas astúcias na obra objeto desta pesquisa? Em outros termos: de que maneira *As astúcias* é astuta? No rumo aí traçado, outra pergunta completou as anteriores: Por quê? A busca dessas respostas, principalmente a que diz respeito ao porquê das astúcias envolvidas pela enunciação, é que conduziram o trabalho desenvolvido e apresentado neste artigo.

A propósito de enunciação, é preciso salientar, ainda, que o leitor notará neste artigo uma estratégia enunciativa bastante convencional: há uma nítida separação entre o discurso indireto do enunciador deste texto em relação aos dizeres do autor da reflexão sobre enunciação contida na obra-objeto-da-pesquisa, e o discurso direto deste enunciador sobre o dito do autor. Assim sendo, na maior parte deste artigo, procurarei apresentar um retrato da obra-objeto de análise, tentando distanciar-me e isentar-me ao máximo de apreciações, mas tecendo algumas considerações sobre o que considero ser constitutivo das astúcias do enunciado-objeto.

Neste jogo enunciativo, característico de um artigo científico, o leitor dirá, ao concluir a leitura, se isso foi possível e produtivo, enunciativamente “falando”, e se esse objetivo foi alcançado.

¹ FIORIN, 1996. Essa obra resulta da pesquisa do autor defendida como livre docência. As 303 páginas apresentam introdução, quatro capítulos e conclusão.

1 Da proposta enunciativa

No trecho que introduz as questões de enunciação que serão discutidas ao longo da obra-objeto-da-pesquisa, a linguagem, esse misterioso e inquietante objeto, é o primeiro tema a impulsionar a reflexão do autor que, evocando mito e ciência, afirma:

O que se pretende é mostrar que o mito, extraído do meio em que ele é, constitui uma explicação do homem para aquilo que é inexplicável, o que significa que é uma súpula do conhecimento de cada cultura a respeito das grandes questões com que o ser humano sempre se debateu.
[...]

Enquanto a ciência não puder explicar a origem das coisas e o seu sentido, haverá lugar para o pensamento mítico (FIORIN, 1996, p.9-10).

A partir daí afloram várias questões como, por exemplo, *De onde surgiram as línguas? Por que tantas?*, indagações continuamente feitas pelo homem desde que mundo é mundo, como comprovam narrativas geradoras de diferentes hipóteses: a narrativa do dilúvio serviu de fundamento para a hipótese da monogênese das línguas; o episódio da torre de Babel explica o mistério da diversidade linguística, comprovando que muitas das questões da ciência surgem com base nos mitos. Não por acaso, tanto a Gramática Gerativa como a Gramática Filosófica, ao procurarem universais linguísticos, partem da ideia de uma língua única, tão presente em narrativas míticas.

Ainda emaranhando o mítico, o bíblico e o linguístico, Fiorin afirma que a expulsão do paraíso leva à entrada à condição humana, ou seja, significa a colocação do homem na História. No âmbito da linguagem, a ordem da História corresponde às instabilidades, ao discurso, e a passagem do sistema para o discurso realiza-se pela enunciação, como também afirma Benveniste em seus importantes e inaugurais estudos sobre a enunciação, que servem, sem dúvida, de base para as reflexões do autor. O que estava em Benveniste chega por essa e por outras vias, como se pode observar já na introdução dessa reflexão que traz, para o Brasil, para a língua portuguesa, as astúcias da enunciação.

A introdução e a insistência no tema da presença constitutiva da *instabilidade na linguagem*, por exemplo, justifica-se a partir do apoio em elementos de um histórico dos estudos linguísticos. Para o autor, após muitas contribuições de escolas tradicionais -

como a Filologia e a Hermenêutica - e do reinado da episteme da estabilidade estruturalista, várias correntes teóricas começaram a se voltar para as instabilidades, entre as quais ele destaca a Sociolinguística, a Análise da Conversação e, sobretudo, as teorias do discurso. Mais uma vez, o autor procura dar um caráter universalizante para sua reflexão sobre a historicidade dos estudos sobre a enunciação. Até mesmo a teoria do caos e das catástrofes é colocada nesse caldeirão histórico, com o objetivo de reforçar o argumento de que a investigação das instabilidades encontra-se no espírito do tempo das ciências voltadas para a linguagem. E o paralelo vai se dar entre os mitos, mencionados inicialmente, e as teorias do discurso, na medida em que, de acordo com o linguista, os mitos e as teorias do discurso possuem em comum duas teses centrais: a primeira é que o discurso, mesmo sofrendo coerções do sistema e da estrutura, é da ordem do acontecimento, portanto, da História; a segunda é que o acontecimento não pode ocorrer fora do tempo, do espaço e da pessoa.

De maneira astuciosa, Fiorin instaura, a partir dessas considerações, os elementos centrais da enunciação, do fenômeno enunciativo, e suas relações com o discurso, levando o leitor a refletir sobre o fato de que, por meio das instabilidades, o discurso cria efeitos de sentido e nós, estudiosos do discurso, ao compreendermos os engendramentos enunciativos, compreendemos o processo de discursivização. Ressalta, entretanto, que instabilidade não é sinônimo de caos ou de desordem, mas apenas de algo que muda de lugar, característica que garante a possibilidade de um trabalho sistematizado por parte dos pesquisadores da linguagem:

Essa instabilidade, para seguir um princípio da teoria do caos, não é aleatória, mas resultante de certos fenômenos. O estudo da instabilidade exige que se estabeleçam suas condições de realização e as matrizes semânticas dos efeitos de sentido que, num processo de concretização crescente, vão manifestar-se em cada texto (1996, p.20).

Até o surgimento desse trabalho de Fiorin, grande parte dos estudos linguísticos brasileiros considerava aleatório o emprego de uma categoria enunciativa no lugar de outra (um tempo por outro, uma pessoa por outra). Partindo do trabalho de Benveniste (1966, 1974), que apresenta pessoa, tempo e espaço como categorias da enunciação, Fiorin levanta a hipótese de que haveria uma explicação única para esses fatos, ou seja, de que todas as categorias enunciativas seriam regidas pelos mesmos princípios. Surge,

então, o duplo objetivo da obra: por um lado, descrever as categorias de pessoa, tempo e espaço na Língua Portuguesa; por outro, mostrar como essas categorias se manifestam no discurso e os efeitos de sentido que produzem. Assim sendo, a proposta inovadora é a de construir uma tipologia do funcionamento das categorias discursivas, em situações estáveis e instáveis, o que demonstra a pretensão de fazer um estudo minucioso das instabilidades enunciativas e provar que elas não são aleatórias. Ao contrário, obedecem a certas coerções, as quais garantem a existência do sentido. Reitera que a explicação das instabilidades não se encontra na ordem do sistêmico ou do frasal, mas no domínio do discurso.

O que se pode concluir dessa consistente proposta enunciativa, mobilizadora de importantes questões sobre os estudos da linguagem, é que o autor, ao engendrar mito e ciência, enunciação e discurso, não apenas dimensiona os estudos linguísticos em termos contemporâneos, mas também localiza seu objeto nas questões humanas, como Benveniste e outros pensadores, e não simplesmente em herméticas técnicas metodológicas de pesquisas sobre as categorias linguísticas.

2 Dos princípios teóricos

Aqui o caminho para se chegar ao conceito de enunciação na Linguística contemporânea é traçado pelo autor, que esboça um breve histórico dos estudos linguísticos até o surgimento das Teorias Enunciativas. De maneira bastante significativa, o ponto de partida para a discussão dos princípios teóricos tem o mesmo título do terceiro capítulo do *Curso de linguística geral*, de Ferdinand de Saussure: Objeto da Linguística.

A primeira questão abordada é a dicotomia *langue vs. parole* e a escolha do mestre genebrino, considerando que sua escolha epistemológica, estudar a *langue*, deixa *de fora* o uso, a história e as instabilidades. Mais uma vez, é importante ressaltar que a volta a Saussure é fundamental para a compreensão, por exemplo, de como Benveniste também evoca o mestre genebrino para chegar à enunciação que, para ele, constituía uma ponte entre o sistema e o discurso. Como pensador e conhecedor da linguagem e de seus estudos, Fiorin não apresenta a teoria saussuriana como obsoleta. Ao contrário, enfatiza sua importância para a Linguística e para o avanço dos estudos da linguagem em direção ao discurso. A mudança de perspectivas nos estudos da linguagem é vista pelo autor como

uma necessidade de expansão do objeto pesquisado. Apoiando-se na formulação de Cervoni (1987), o linguista brasileiro tece o seguinte comentário:

[...] a proposta saussuriana e uma certa Linguística estrutural, no que tange à relação *langue/parole*, apresentam três limitações:
a) não ter um modelo de atualização (de conversão da *langue* em *parole*), [...]
b) não perceber que existem leis de organização do discurso, ao afirmar que a *parole* é o reino da liberdade e da criação;
c) excluir da Linguística os componentes da comunicação que não o código (CERVONI, 1997, p.10 *apud* FIORIN, 1996, p.29).

Após a explanação sobre o que considerou as limitações de uma “certa” linguística estrutural, apoiando-se também em opinião de outros linguistas, Fiorin, de modo breve, explica a proposta gerativista de Chomsky, deixando bastante claro, para distinguir as diferentes linguísticas, que tanto a teoria saussuriana quanto a chomskyana são linguísticas do *enunciado*, no sentido de frase, de oração, que veem a enunciação como um acontecimento realizado por sujeitos particulares, em situações particulares, sem possibilidade de sistematização. No final desse histórico, Fiorin evoca dois linguistas diferenciados nesse contexto: Roman Jakobson e Émile Benveniste, mostrando a importância dos trabalhos de ambos para o reconhecimento da centralidade da enunciação na constituição do discurso. De acordo com o linguista brasileiro, com as reflexões desses autores, foi possível tratar a enunciação como um sistema, mostrar que, mesmo diante de uma diversidade de atos particulares, há um esquema geral que parece invariante. Emerge, então, um novo objeto para a linguística: o uso linguístico.

Esse percurso chega a seu final com a reiteração de que o discurso, que se insere na linguística do uso, não pode ser entendido como um conjunto solto de frases, mas, a partir do reconhecimento da enunciação como instância que o constitui, deve ser enfrentado como um todo de significação. Com esse fechamento, o autor lança as luzes, de fato, sobre o objeto prometido desde o título: a *enunciação*. Nesse momento, traz a definição, o conceito de enunciação e expõe alguns elementos essenciais que precisam ser levados em consideração para que seu estudo seja empreendido.

Dentre as definições de enunciação, privilegia a clássica apresentada por Benveniste: “colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização” (1974, p.80). Entretanto, são também recuperadas as definições formuladas por Oswald

Ducrot (1976) e por Eric Landowski (1989), entendendo-se, como se quer enfatizar desde o começo, que o autor não perde de vista os vários momentos em que a dimensão enunciativa da linguagem é trazida para o primeiro plano das discussões. E é nesse momento, a partir, por exemplo, da referência a Landowski, que Fiorin começa a estabelecer um diálogo mais intenso com a semiótica francesa, eixo epistemológico que dará o tom do trabalho até sua conclusão. E o leitor será qualificado como competente na terminologia semiótica em pauta, como se verá nas considerações feitas no parágrafo a seguir.

De acordo com Fiorin, quando se aborda a enunciação é preciso considerar pelo menos três aspectos: as competências necessárias para a produção do enunciado; a ética da informação e o acordo fiduciário entre enunciador e enunciatário. As competências necessárias para a produção do enunciado são de várias ordens, segundo ele: linguística, discursiva, textual, interdiscursiva, intertextual, pragmática, situacional, etc. São competências mais ou menos compartilhadas por enunciador e enunciatário; quanto maior a intersecção entre eles, melhor será, teoricamente, a compreensão dos enunciados produzidos. O que Fiorin chama de ética discursiva diz respeito ao princípio da cooperação, às máximas conversacionais e suas violações e, de modo geral, ao “código deontológico”, que estabelece o que é considerado honesto enquanto troca verbal². Por fim, a convenção fiduciária estabelecida entre enunciador e enunciatário determina o estatuto veridictório do texto.

Para dar sequência a essas reflexões que vão esclarecendo a maneira como a enunciação está sendo compreendida, duas instâncias serão detalhadas: a instância linguística pressuposta e a instância de instauração do sujeito. A respeito da primeira, traz para a discussão o semioticista Manar Hamad (1983), que discutiu a enunciação enquanto processo e sistema e Catherine Orecchioni (1980), que possibilita a diferenciação entre fatos enunciativos em sentido *lato* (essencialmente a sintaxe e a semântica do discurso) e fatos enunciativos no sentido *estrito* (basicamente os dêiticos). A partir do conjunto dos estudos evocados e de sua posição teórica, explica os conceitos de *enunciação enunciada*, *enunciação reportada* e *enunciado enunciado*, explicitando que a centralidade de seu trabalho estará voltada para os dêiticos.

² Grice (1979); Gordon e Lakoff (1973); Orecchioni (1980).

Na discussão da segunda, instância de instauração do sujeito, como não poderia deixar de ser, Fiorin recorre a Benveniste para tratar da subjetividade na linguagem, reafirmando que o homem só existe *na* língua e *pela* língua e, conseqüentemente, que a pessoa é o eixo essencial da linguagem e, com base nela, tem-se o tempo e o espaço. Alguns conceitos, considerando-se a perspectiva semiótica da enunciação, são centrais para essa discussão: *debreagem* (interna, externa) e *embreagem* (da enunciação x do enunciado; homocategórica x heterocategórica); *debreagem enunciativa*, *debreagem enunciva* e seus efeitos de sentido. Nesse momento, evoca de maneira explícita a semiótica francesa (GREIMAS E COURTÈS, 1979) e o analista de discurso de linha francesa Dominique Maingueneau (1981), aprofundando e expandindo conceitos essenciais para a teoria da enunciação. Se Benveniste é o ponto de partida, é a inspiração epistemológica que dá munição ao linguista para pensar as formas da enunciação em língua portuguesa, os demais autores, quer da semiótica greimasiana, quer da AD francesa, aparecem como comprovação de que a enunciação é uma instância que tem sido trabalhada por diferentes vertentes dos estudos da linguagem e que tem papel essencial tanto nos estudos semióticos como nos discursivos.

Todo esse aparato teórico, com nomenclatura claramente greimasiana, vem acompanhado de uma característica típica desse estudioso da linguagem, cujo olhar se volta também para a literatura e para outras artes. Há exemplos dos fenômenos de *embreagem* e *debreagem*, conceitos com os quais nem todos os linguistas ou analistas de discurso estão familiarizados, em diferentes linguagens, com diferentes planos de expressão. Com a evocação de filmes e pinturas, por exemplo, além de esclarecer o alcance dessas noções, demonstra que os conceitos apresentados são válidos para todo tipo de linguagem e não apenas para a linguagem verbal.

Delineado o caminho teórico, que começa em Saussure e aporta na semiótica, os três elementos definidores da enunciação serão objetos de análise, discussão e interpretação: pessoa, tempo e espaço.

3 Da pessoa

Se Benveniste é o polo inspirador do estudo, para tratar da *pessoa*, na perspectiva enunciativa, o autor expõe de modo bastante didático as noções de *pessoa* e *não-pessoa*

que vem desse grande linguista, ilustrando a teoria com de textos literários e midiáticos. Articulando conhecimentos gramaticais e discursivos, o linguista mostra como a categoria de pessoa demarca-se na língua pelos pronomes pessoais, retos, oblíquos e possessivos. O dado novo, inovador é que tudo isso resulta numa exposição detalhada dos sentidos dos pronomes possessivos em Língua Portuguesa, cumprindo os objetivos da pesquisa, como se observa nas categorias de *pessoa multiplicada*, *pessoa subvertida*, *pessoa transbordada*, *pessoa desdobrada*. Para cada uma delas, Fiorin evoca linguistas, analistas do discurso e semioticistas que auxiliem sua compreensão, ao mesmo tempo que dá continuidade aos exemplos.

Para tratar da *pessoa multiplicada*, Fiorin parte dos conceitos de heterogeneidade mostrada e constitutiva, abordando a heterogeneidade da linguagem e apresentando as diversas instâncias enunciativas, o que é feito, mais uma vez, com uma grande riqueza de exemplos extraídos de textos literários. Ao final, faz uma explanação bastante vasta dos efeitos de sentido do emprego das aspas, dialogando sobretudo com a obra de Dominique Maingueneau.

No caso do conceito de *a pessoa transformada*, é o funcionamento dos discursos direto, indireto e indireto livre, assim como a exploração das diversas possibilidades de efeitos de sentido por eles produzidos que permite a exposição minuciosa, esclarecida, uma vez mais, com exemplos da literatura, sobretudo nacional. A *pessoa subvertida* é caracterizada a partir do levantamento das possibilidades de embreagens da categoria de pessoa, seguida da apresentação de suas realizações na língua, e da explicação de seus efeitos de sentido. Para concluir essa categoria, o autor apresenta as regularidades do funcionamento das embreagens actanciais, demonstrando e insistindo que esse funcionamento não é caótico, mas sistemático, podendo, de maneira geral, produzir efeito de sentido de *aproximação* ou de *distanciamento*, de *objetividade* ou de *subjetividade*. A *pessoa transbordada*, a que excede, por assim dizer, é apresentada por meio do exemplo clássico do modo de falar dos italianos no Brasil (ele *me* chega e *me* vai, sempre sem falar nada).

No caso da categoria *pessoa desdobrada*, o autor apresenta um estudo detalhado sobre o narrador, apelando novamente para diferentes tradições dos estudos da linguagem, baseando-se especialmente nos trabalhos da crítica literária (BARTHES, 1971; GENETTE, 1972; GALVÃO, 1972) e da semiótica francesa (GREIMAS e

COURTÈS, 1979; FONTANILLE, 1989; BARROS, 1988). Inicialmente, é a diferença entre *narrador* e *observador* que ganha o primeiro plano; em seguida, são as categorias *observador*, como focalização parcial (interna ou externa) e focalização total, para chegar à distinção entre observador/narrador e focalização de narração. Nesse detalhamento, merecem destaque as embreagens no nível macrotextual, as quais ocorrem quando, ao longo de uma narrativa, por exemplo, um *eu* se faz passar por um *ele* e vice versa. O exemplo é Machado de Assis, na obra *Memorial de Aires*, de Machado de Assis. Nessa narrativa, o narrador parece ser Aires, mas, no fundo, é alguém que apenas reproduz os manuscritos de Aires.

Como conclusão, a relação entre ciência, religião, mito e ficção, já anunciada desde a proposta enunciativa inicial, retoma a amplitude e o alcance que o autor atribui aos estudos da enunciação:

As fronteiras dos níveis são móveis. Ultrapassá-las, misturar os graus, fazer de um actante de um nível actante do outro produzem um efeito de sentido de ficção, de meta-realidade, de liberação das rígidas convenções miméticas. Afinal, ficção é fingimento, é o processo pelo qual o homem tem o poder criador atribuído pelo mito à divindade. Com a palavra, cria outras realidades tão reais quanto aquela que recebe essa denominação (FIORIN, 1996, p.124).

4 Do tempo

Integrando novamente mito e ciência, as reflexões consideram a maneira como o tempo é concebido pela mitologia grega, pela bíblia, pela filosofia para, enfim, alcançar a temporalidade linguística. E lá estão Aristóteles e Santo Agostinho, para ilustrar as diferentes concepções. Para Aristóteles, o tempo não é uma questão da poética, mas da física, considerado um “fenômeno físico, natural, cósmico”. Para Santo Agostinho, que no livro XI de suas *Confissões* reflete longamente acerca do tempo, o único tempo que se pode medir é o presente, dividido em três partes: o presente das coisas passadas, a memória, o presente das coisas futuras, a espera, e o presente das coisas presentes, o olhar. O que se mede, é a impressão que as coisas deixam no espírito.

Ao assumir o tempo linguístico, Fiorin afirma que a temporalização na linguagem imprime-se na discursivização, considerando que, ao narrar, o homem constrói no discurso o simulacro de suas ações no mundo, mostrando “[...] o que é passado, o que não

é mais, o que ainda não é, tudo presentificado na linguagem” (1996, p.140). As distintas reflexões acerca do tempo e da linguagem encerram-se com as seguintes palavras:

A marcha da reflexão sobre o tempo começa como mito, dá lugar à filosofia, que estabelece as bases da compreensão do tempo físico, e, ao perceber a sutileza e a complexidade da experiência temporal humana, desemboca na análise linguística. O tempo é uma categoria da linguagem, pois é intrínseco à narração, mas cada língua manifesta-o diferentemente (FIORIN, 1996, p.141-142).

Essas reflexões se encaminham para o conceito de *tempo demarcado*, momento em que o funcionamento do tempo na língua é enfatizado, recorrendo necessariamente ao discurso inaugural de Benveniste a respeito dessa questão, com o objetivo de explicitar a diferença entre tempo *crônico*, *físico* e *específico da língua*. Nessa perspectiva enunciativa do tempo, fica explícito que o centro temporal da linguagem organiza-se a partir da fala, tendo como eixo o presente. Assim, anterioridade e posterioridade correspondem ao para trás e para frente em relação ao momento do fazer enunciativo, o que significa que a grande especificidade do tempo linguístico corresponde ao fato de se ordenar em relação ao momento da enunciação. Apesar das diferenças, o tempo linguístico apresenta características comuns a outros tipos de tempo, como a noção de ordem (sucessividade e simultaneidade), duração e direção (retrospectiva e perspectiva).

As duas características centrais do tempo linguístico encontram-se assim enunciadas: a) seu eixo ordenador e gerador é o momento da enunciação; b) ele está relacionado à ordenação dos estados e transformações narrados no texto (FIORIN, 1996, p.145).

Mergulhado no pensamento de Benveniste, os conceitos seguintes a serem discutidos, sempre com abundante exemplificação com o discurso literário, são: *momento de referência*, *momento de acontecimento*, *momento de enunciação*, considerados os possíveis sistemas temporais existentes no discurso (enunciativo e enuncivo). E aí três categorias de tempo serão discutidas. Em *O tempo sistematizado*, o autor expõe, de forma detalhada, tempos e aspectos verbais no interior dos sistemas enunciativos e enuncivos, desenvolvendo as subseções “dos advérbios”, “das preposições” e “das conjunções”, no intuito de esgotar ao máximo as diversas possibilidades de manifestação da categoria de tempo na língua. O *tempo transformado* aborda as projeções internas dos discursos direto,

indireto e indireto livre e das transformações exigidas na passagem de um sistema para outro. O *tempo harmonizado* explicita as harmonizações na concordância de mais de um tempo, e os efeitos de sentido delas resultantes. O ponto de vista dos gramáticos é aqui evocado, muitas vezes com forte discordância, apontando para soluções discursivas que regem o funcionamento desses acordos.

Há ainda o *tempo subvertido*, em que são analisadas as possibilidades de emprego de um tempo com valor de outro, ou seja, as embreagens temporais. Após exposição de noventa possibilidades teóricas em português, Fiorin passa à descrição das embreagens encontradas, dividindo-as em três grupos: neutralizações no interior de um mesmo sistema; neutralizações entre os mesmos termos da categoria topológica de subsistemas diferentes; neutralizações entre termos diferentes da categoria topológica de subsistemas distintos. Os três grupos são abundantemente ilustrados, destacando-se, como exemplo, o emprego do pretérito imperfeito pelo presente, desdobrado em cinco casos: imperfeito de atenuação; situação partilhada; imperfeito hipocorístico (frases ditas ao bebê); imperfeito de distância e imperfeito sugerindo evasão fictícia (FIORIN, p.209-210). Além da apresentação da neutralização dos verbos, são abordadas também a dos advérbios de tempo.

Se essas classificações por si mesmas já têm um valor excepcional, antes que o leitor possa parar para respirar, o autor relembra e reforça a ideia de *sistematicidade na instabilidade*, retomando a coerência que sustenta suas teses:

Os tempos, no discurso, fogem das rígidas convenções do sistema, mesclam-se, superpõem-se, perseguem uns aos outros, servem de contraponto uns aos outros, afastam-se, aproximam-se, combinam-se, sucedem-se num imbricado jogo de articulações e de efeitos de sentido. No entanto, como no contraponto, obedecem a regras, a coerções semânticas. O discurso cria o cosmo e abomina o caos (FIORIN, 1996, p.229).

E para confirmar tudo isso, um amplo espaço é aberto ao *tempo desdobrado*. As temporalidades dos micro e macroacontecimentos, da enunciação e do enunciado são enfrentadas a partir de um diálogo polêmico com Genette (1972) e com a teoria greimasiana. De sua perspectiva enunciativa, o autor propõe ajustes na teoria do narratólogo francês: em lugar dos três sistemas temporais, afirma haver apenas duas temporalizações linguísticas - a da enunciação e a do enunciado. No que se refere a

Greimas, pretende transferir a temporalização linguística para o âmbito do que o semiótico chamava de *localização temporal*, reservando à *programação greimasiana* apenas o que é manifestado pelo tempo crônico ou o que concerne à *sucessividade* ou simultaneidade dos acontecimentos. Além desse, um outro ajuste é proposto: desdobramento das debreagens em debreagem da enunciação e debreagem do enunciado, justificando tal (re)formulação pelo fato de se observar a presença de verbos do sistema enunciativo em narrativas classificadas por Greimas como enuncivas ou, inversamente, verbos enuncivos em narrativas de sistemas enunciativos. Essas duas debreagens, como demonstra o estudo de Fiorin, não possuem o mesmo estatuto, já que a debreagem do enunciado é subordinada à debreagem da enunciação.

E esse diálogo entre teorias e, especialmente entre classificações, continua, tendo como interlocutores os mesmos Genette e Greimas no que se refere às macroembreagens, aquelas que regem “a relação global entre tempo da enunciação e tempo do enunciado” (FIORIN, 1996, p.238). Para comprovar sua perspectiva enunciativa, são exploradas as diversas possibilidades de realização dos desdobramentos temporais nas instâncias de enunciação, enunciado e em todas as suas projeções internas. Dando por findadas as reflexões enunciativas sobre o tempo, situa na ordem do discurso o encontro dos pontos de vista filosófico e linguístico:

O discurso, por meio de um complexo jogo entre as temporalidades da enunciação e do enunciado, entre simultaneidades, anterioridades e posterioridades, cria um tempo que simula a experiência temporal do homem. Se a narrativa é um simulacro da ação do homem no mundo, sua temporalidade é simulação da experiência do tempo, que se constitui a partir do momento em que o *eu* toma a palavra, em que o presente é o transcurso, o passado é memória e o futuro é espera (FIORIN, 1996, p.248, grifo no original).

5 Do espaço

Diferentemente das categorias de pessoa e tempo, bastante exploradas pelos estudiosos da linguagem, alguns dos quais invocados e colocados como interlocutores da perspectiva enunciativa de Fiorin, o espaço foi alvo de poucos estudos, razão para a longa discussão a ele dedicada. Segundo o autor, as reflexões realizadas nos estudos literários sobre o espaço focam, sobretudo, de caráter semântico, destacando-se, entre os estudiosos da semântica espacial, o filósofo e poeta francês Gaston Bachelard (1884-1962). Assim

sendo, a teoria da enunciação deveria dedicar-se à sintaxe espacial, ou seja, à relação entre o espaço da enunciação e o do enunciado e suas projeções. Ainda segundo Fiorin, se comparada à pessoa ou ao tempo, a categoria de espaço tem menos relevância no processo de discursivização, o que se deve ao fato de ser impossível deixar de utilizar na fala as categorias de tempo ou pessoa, que se expressam por morfemas sufixais sempre presentes no vocábulo verbal, enquanto é possível não haver manifestação do espaço, pois este é expresso por morfemas livres.

E passa ao estudo, retomando de certa maneira tanto Benveniste quanto algumas dicotomias propostas pela semiótica francesa, ressaltando que o espaço articula-se em torno das categorias *interioridade vs exterioridade, fechamento vs abertura, fixidez vs mobilidade*. No espectro do *espaço demarcado*, distingue espaço tópico, pertencente ao mundo físico, e espaço linguístico, instaurado pela enunciação, demonstrando que este se organiza a partir do *hic*, lugar do *ego*, que é o centro de referência espacial do discurso. Observa-se aí uma semelhança entre as peculiaridades do espaço e do tempo linguísticos: ambos têm o eixo na *parole*. No *espaço sistematizado*, Fiorin expõe detalhadamente os termos empregados para demarcar o espaço na Língua Portuguesa, mostrando seu funcionamento e os efeitos de sentido produzidos. São descritos pronomes demonstrativos, preposições e advérbios, descrições conforme as já realizadas por outros autores, dentre os quais se destaca Câmara Jr. (1970) e seu trabalho sobre os pronomes demonstrativos da Língua Portuguesa.

Mantendo o diálogo com os gramáticos e, desta vez, discordando um pouco de Cunha (1972), em *espaço transformado* afirma que não é possível haver um modelo direto de transposição dos pronomes ou advérbios espaciais do discurso direto para o indireto. Segundo Fiorin, nesses casos, as projeções das categorias de espaço variam de acordo com a relação entre a situação de narração e de interlocução, ou seja, elas mudam se o ponto de vista espacial apresentado na narração for o mesmo ou distinto daquele da interlocução.

Como as categorias de pessoa e de tempo, o espaço também pode produzir neutralizações. As embreagens espaciais são exibidas em dois grupos: primeiro, embreagens entre lugares distintos do sistema enunciativo; segundo, embreagens entre espaços do sistema enunciativo e enuncivo. Também à semelhança do tempo, as categorias espaciais desdobram-se em espaço da enunciação e espaço do enunciado,

sendo o primeiro o local onde ocorre a narração e o segundo, onde acontecem os fatos narrados. O funcionamento e os efeitos de sentido resultantes desse jogo entre diferentes instâncias espaciais encontram-se descritos na última seção do capítulo, o *espaço desdobrado*. Apoiando-se em Eni Orlandi (1992), o autor conclui suas reflexões, afirmando que o silêncio, assim como o tempo e o espaço, é uma das extensões do discurso, aquela do enunciador, sendo também um elemento constitutivo de sentido.

Das conclusões

Nessa obra que tomamos por base para discutir uma perspectiva contemporânea e brasileira de enunciação, pudemos acompanhar não somente as reflexões do autor, mas especialmente as interlocuções que ele mantém, de forma polêmica e/ou histórica, com um grande número de estudiosos da linguagem que, de alguma forma, colaboraram para que a perspectiva apresentada pudesse se concretizar, articulando a tradição e a novidade. Na conclusão, apresentada didática, sucinta e sistematicamente em três páginas, dois itens e quatorze subitens, o autor recolhe o que foi disseminado ao longo da obra, em torno de dois elementos centrais: cada categoria (tempo, espaço e pessoa) apresenta um sistema enunciativo e um enuncivo; as três categorias estão sujeitas à instabilidade, entretanto, essas instabilidades obedecem a coerções que, no nível profundo, engendram os mesmos efeitos de sentido.

Inscrever-se na História é sofrer limitações, é experienciar instabilidades, e o discurso é o lugar da produção de sentido daqueles que foram expulsos do paraíso eterno, o lugar das ambivalências, da disputa entre a tradição e a mudança, entre a fixidez e a transição. Esse embate é tema das considerações finais do autor:

Não fomos tão longe, o que nos autorizou foi o “sistema” de instabilidades. Seguimos a tradição: o que é autorizado pelo sistema existe. No entanto, cabe ainda lembrar que o discurso, sendo da ordem da História, pode mudar o sistema (FIORIN, 1996, p.303).

Talvez a resenha de Maria Helena de Moura Neves³ possa responder a razão desta pesquisa sobre teorias da enunciação ter privilegiado a obra *As astúcias da enunciação* e

³ MOURA NEVES (1997).

a maneira como a construção teórica e metodológica foi traçando um mapa de pesquisas anteriores:

Estamos diante de um livro que ata pontas do começo ao fim. Se não, que é isso de conseguir colocar em poucas trezentas páginas todo o sistema dêitico da língua? De ponta a ponta o livro mostra como o “corpo imaginário” (o espaço) e o “movimento fictício” (o tempo) submetidos ao “sujeito” (pessoa) adquirem realidade e vida na linguagem. De ponta a ponta interação sistema e discurso, instabilidade e estabilidade, ciência e arte, natureza e cultura, mito e história, afinal, barro e sopro (MOURA-NEVES, 1997, p.108).

As astúcias d’*As astúcias da enunciação* encontram-se justamente na interação, na integração. Em um trabalho sério, autoral, Fiorin dialoga com gramáticos, críticos da literatura, semioticistas, analistas de discurso, estudiosos da enunciação, filósofos, entre outros, para aprofundar-se no tema escolhido e oferecer uma visão nova, fundamentada teórica e metodologicamente. Como leitora, pouse o olhar demoradamente sobre os longos exemplos, acompanhando a vida de Aurélia, as expertises de Rubião, as agruras de Fabiano. Tomo fôlego para a próxima embreagem, que exige abstração e esforço mental. Enquanto isso, outro leitor passa correndo diante do exemplo, saltando para o próximo desafio de compreensão de mais uma subversão temporal. E essa conquista de leitores compõe a astúcia que pode ser detectada, também, na riquíssima presença da literatura na obra.

Como um espelho dos jogos entre as instâncias de enunciação e enunciado, a obra materializa a dimensão enunciativa, operando em diferentes níveis: o micronível, um trabalho minucioso sobre as categorias de pessoa, tempo e espaço na língua; o nível médio, que apresenta a actorialização, temporalização e espacialização, revelando efeitos de sentido no discurso, trazendo reflexões sobre as narrativas e o narrar; o macronível, que aborda filosofia, religião, mitologia, ciência, localizando a obra no âmbito das questões humanas. Não é à toa que o linguista privilegia Machado de Assis nas citações...

Comprovando a produtividade da teoria da enunciação articulada por Fiorin e sua influência nos estudos enunciativos, está o fato de semioticistas do Brasil tenderem mais a explorar o nível da enunciação do que semioticistas de outros países. Deve-se reiterar: isso se deve aos trabalhos de Fiorin sobre a sintaxe discursiva.

REFERÊNCIAS

- ANSCOMBRE, J.C; DUCROT, O. L'argumentation dans la langue. *Languages*, Paris, n.42, p.5-27, jun. 1976.
- BARROS, D. L. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual, 1988.
- BARTHES, R. et al. *Análise estrutural da narrativa*. Trad. Maria Zélia Barbosa. Petrópolis: Vozes, 1971.
- BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1966. v.1.
_____. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1974. v.2.
- CÂMARA Jr., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- CERVONI, J. *L'énonciation*. Paris: PUF, 1987.
- CUNHA, C. *Gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Belo Horizonte: Bernardo Alvares, 1972.
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 1996.
- FONTANILLE, J. *Les espaces subjectives*. Introduction à la sémiotique de l'observateur. Paris: Hachette, 1989.
- GALVÃO, W. N. *As formas do falso*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- GENETTE, G. *Figures III*. Paris: Seuil, 1972.
- GORDON, D.; LAKOFF, G. Postulats de conversation. *Langages*. Paris, n.30, p. 32-55, 1973.
- GREIMAS, A. J; COURTÈS, J. *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachette, 1979. v.1.
- GRICE, H. Paul. Logique et conversation. *Communications*. Paris, n. 30, p.52-72, 1979.
- HAMAD, M. L'enonciation: procès et systèmes. *Langages*, Paris, n. 70, p.35-46, 1983.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *L'enonciation*. De la subjectivité dans le langage. Paris: Armand Colin, 1980.
- LANDOWSKI, E. *La société réfléchie*. Paris: Seuil, 1989.
- MAINGUENEAU, D. *Approche de l'énonciation en linguistique française*. Paris: Hachette, 1981.
- MOURA NEVES, M. H. *As astúcias da enunciação*. Resenha. *Linha D'água*. São Paulo, n.11, p.107-110, 1997.
- ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio*. No movimento do sentido. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

Recebido em 10/02/2015

Aprovado em 08/08/2015